

pelo menos 90% a meu favor dos eleitores de São Luiz de Quitunde. Era um município de uns 4.000 eleitores. Entrei num cano deslumbrante, Senador Benedito Ferreira. Tive 120 votos, e eles disseram nas minhas barbas: "Nós não comemos asfalto". A mesma coisa digo a V. Ex<sup>a</sup>: ninguém come televisão.

*O Sr. Evandro Carreira* — Nobre Senador, permite-me um aparte? (*Assentimento do orador.*) Nobre Senador Luiz Cavalcante, eu não tenho a pretensão de socorrê-lo, porque V. Ex<sup>a</sup> já deu inequivocamente uma resposta muito bem urdida ao ilustre apartante Senador Benedito Ferreira. Mas, lembraria que a existência de eletrodomésticos sofisticados numa residência não é índice de progresso; é talvez, até, de acordo com Georges Orwell, no seu "1984", índice de totalitarismo, porquanto no Estado totalitário de Georges Orwell tinha televisão até no banheiro, para fiscalizar. Os aparelhos sofisticados eram inúmeros, mas o povo não tinha liberdade. Só com liberdade se detém a inflação, só com a discussão nas bases, só com a intervenção do povo na ação política é que é possível deter a inflação.

*O Sr. Leite Chaves* — Permite V. Ex<sup>a</sup> um aparte?

O SR. LUIZ CAVALCANTE — Muito obrigado, nobre Senador Evandro Carreira.

Perdão, colegas, o tempo não mais me pertence, não posso dar mais apartes.

*O Sr. Leite Chaves* — Asseguro a V. Ex<sup>a</sup> que só complementará o discurso que V. Ex<sup>a</sup> pronuncia aqui. Se V. Ex<sup>a</sup> me permite...

O SR. LUIZ CAVALCANTE — Pois não.

*O Sr. Leite Chaves* — O Senador Benedito Ferreira disse que há seis milhões de televisores a cores no País inclusive em muitas favelas o que é índice de progresso. Pelo contrário, isso até aumenta as dimensões, dá consciência ao trabalhador da miserabilidade em que ele vive. Muitas vezes em uma casa dessas há uma televisão de terceira ou quarta mão, serve apenas para mostrar o grau de diferença, os diferenciais econômicos neste País de concentração de renda. O Senador por Goiás, disse, ontem, que é ele um dos poucos abastados no Brasil — não sei se ele tem consciência disso — e que essa origem de recursos é legítima. Mas, tem que saber S. Ex<sup>a</sup> que a concentração de renda no País é tão violenta, e ele deve estar entre os seus detentores, que 50% da renda nacional pertencem a 4% das pessoas. Em qualquer país em que exista essa desproporção só pode existir infortúnio. E é o que eu tenho visto constantemente em Curitiba, que era uma cidade tranqüila e está agora cercada de favelas. Em qualquer lugar do mundo em que os índices de miserabilidade chegam a esse ponto, começa um El Salvador, começa uma Nicarágua. Só estranhamos que, aqui, havendo todos os condicionantes sociológicos, ainda não se tenha dado a explosão porque o povo está tão miserável que não tem nem consciência da perda constante dos direitos que vem sofrendo progressivamente.

O SR. LUIZ CAVALCANTE — Muito obrigado.

Sr. Presidente, concluirei, num minuto, rigorosamente. Agora, o meu comentário final.

No Chile, como na Argentina, como no Brasil, como em toda parte, a inflação é, preponderantemente, um problema humano. É a famosa componente psicológica da inflação a que aludiu o Sr. Einar Kock, Presidente da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas. Disse ele em *O Globo*, de 25 de abril de 1979:

"A base da inflação brasileira são as influências psicológicas que só podem ser revertidas com a existência de uma certa credibilidade no Governo".

E o Ministro Camilo Penna disse a mesma coisa, com a sua responsabilidade de Ministro. Está em todos os jornais e aponto apenas um deles, para marcar a data: *O Estado de S. Paulo*, de 13/02/81, onde se lê que o Ministro declarou que "a política econômica oficial perdeu a confiabilidade".

Esta, a falta de confiabilidade, é a meu ver, a causa maior da inflação brasileira. Enfim, Sr. Presidente, Srs. Senadores, mais vale o ministro muito confiável do que o ministro muito sabido. (*Muito bem! Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Jorge Kalume) — Sobre a mesa, requerimento que será lido pelo Sr. 1<sup>o</sup> Secretário.

*É lido o seguinte*

#### REQUERIMENTO Nº 44, DE 1982

Requeremos seja inserto na Ata da Sessão um voto de pesar pelo falecimento do ex-Deputado Vasco Azevedo Filho, que por três legislaturas representou o Estado da Bahia, na Câmara Federal, telegrafando à família enlutada exprimindo o pesar do Senado Federal.

Sala das Sessões, 18 de março de 1982. — Luiz Viana — Nelson Carneiro — Lomanto Júnior.

O SR. PRESIDENTE (Jorge Kalume) — O requerimento lido depende de votação, em cujo encaminhamento poderão fazer uso da palavra os Srs. Senadores que assim o desejarem.

Com a palavra o autor do requerimento, o nobre Senador Luiz Viana Filho.

O SR. LUIZ VIANA (Para encaminhar a votação. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, Srs. Senadores:

Apresentei o requerimento que acaba de ser lido para que se insira na Ata dos nossos trabalhos um voto de pesar pelo falecimento do Deputado Vasco Filho que, por três legislaturas, representou o Estado da Bahia na Câmara Federal.

Natural de Minas Gerais, onde se formou engenheiro em Juiz de Fora, Vasco Filho chegou à Bahia creio que nos idos de 40 e tantos, onde se fixou no Departamento de Estradas de Rodagem. Homem extraordinariamente dinâmico, com capacidade e vocação de servir às coletividades onde se encontrava, com essas qualidades se impôs à estima e à admiração de largos círculos do Estado da Bahia, tendo em 1954 se candidatado a Deputado Federal, logrando uma eleição realmente brilhante, talvez inesperada. O resultado do seu trabalho, do trabalho que ele fez, traçando e construindo várias estradas na Bahia, assunto pelo qual era realmente um apaixonado. Ele não era um engenheiro comum, era um engenheiro de campo, era um homem que trabalhava diretamente no estudo das regiões, no traçado das estradas e na sua construção. E nesse convívio com o homem do interior, com os interessados daquelas regiões, ele fez um largo círculo de amigos, de admiradores e de cor-religionários, indo integrar a Bancada da UDN e, posteriormente, a da ARENA. Esse engenheiro agora desaparece, desaparece já aos 90 anos de idade.

*O Sr. Lomanto Júnior* — Permite V. Ex<sup>a</sup> um aparte?

O SR. LUIZ VIANA — Com muito prazer.

*O Sr. Lomanto Júnior* — Senador Luiz Viana, eu quero juntar às brilhantes palavras de V. Ex<sup>a</sup> a expressão do meu grande pesar pelo falecimento do ex-Deputado Vasco Filho, de quem V. Ex<sup>a</sup> traçou com muita nitidez a personalidade de político, mas sobretudo de grande engenheiro. Era eu muito jovem, na cidade de Jequié, quando conheci o Dr. Vasco Filho. Estava ele chefiando o Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, e podemos dizer que a Bahia e Minas Gerais agradecem aquele notável e dinâmico homem público e admirável engenheiro a construção da Rio—Bahia. Foi ele, sem dúvida alguma, que dedicou a sua competência, o seu dinamismo, o seu entusiasmo, sobretudo o seu entusiasmo, à construção dessa grande obra de integração nacional que é a Rio—Bahia. Eu que o conheci e acompanhei os seus passos, eu que o admirei em vida, não poderia deixar de fazer este registro, nesta hora em que nós perdemos aquela grande figura, em idade avançada, mas lúcido e ainda voltado o seu pensamento para o seu trabalho de engenheiro de campo. Há bem pouco tempo empreendeu uma longa viagem de reconhecimento, no exercício de sua atividade profissional. Eu quero juntar às palavras de V. Ex<sup>a</sup> as minhas modestas palavras, associando-me, neste momento de saudade, de tristeza. E, acredito que toda a Bahia, e os que tiveram o privilégio de conhecer o Dr. Vasco Filho, têm este mesmo sentimento que nós estamos neste momento experimentando. Ao Deputado Vasco Neto, seu filho, que atua na Câmara Federal, nós levamos nosso profundo pesar. E ao Dr. Sebastião Azevedo, brilhante médico na minha cidade, também o sentimento de pesar pela tristeza que ambos estão sofrendo, nesta hora, pela perda irreparável do seu grande orientador, do seu grande pai.

*O Sr. Gilvan Rocha* — Permite V. Ex<sup>a</sup> um aparte?

O SR. LUIZ VIANA — Com muito prazer.

*O Sr. Gilvan Rocha* — Sabe V. Ex<sup>a</sup> que sou de Sergipe, Estado vizinho da Bahia, praticamente para honra e glória nossa, Estados sem fronteiras.

O SR. LUIZ VIANA — Muito bem!

*O Sr. Gilvan Rocha* — A minha formação profissional foi feita no nosso querido Terreiro de Jesus, na venerável cidade de São Salvador da Bahia. Os acontecimentos da Bahia, portanto, nobre Senador, afetam profundamente e reciprocamente o pequeno e glorioso Estado de Sergipe. Eu fui daquela geração que acompanhou, já dentro da estrutura universitária da grande Universidade Federal da Bahia, o Professor Vasco Neto e a grande figura, pranteada hoje, de Vasco Filho. A sua presença chega, a nós sergipanos, como um eco, mas um eco vibrante e cheio de brilho. É por isso que me permitiu entrar em território baiano para dizer a V. Ex<sup>a</sup>, da representação de Sergipe, que Sergipe também está enlutado pela perda da grande figura e daquela grande estrela que iluminou também a minha geração, nos céus da Bahia.

O SR. LUIZ VIANA — Agradecido a V. Ex<sup>a</sup> Ouço o aparte do nobre Senador Nelson Carneiro.

*O Sr. Nelson Carneiro* — Nobre Senador Luiz Viana, acho que, ao lado do grande técnico, do parlamentar brilhante e dedicado que foi Vasco Filho, conchecedor dos problemas vitais para este País, há que se ressaltar o homem de bem, o caráter adamantino, aquele homem a quem a gente podia acompanhar sem demérito, e que, do princípio ao fim da vida, tanto quanto o conhecemos assim que ele chegou à Bahia até o dia de sua ausência da Câmara dos Deputados, foi sempre um homem que caminhou numa linha reta. O seu caráter, a sua grande probidade intelectual e moral são atributos que passam de geração em geração e hoje constituem patrimônio do seu filho, o Deputado Vasco Neto e dos demais parentes que lhe continuarão o nome e lhe reverenciarão permanentemente a memória.

*O Sr. Gastão Müller* — V. Ex<sup>a</sup> me permite um aparte?

O SR. LUIZ VIANA — Ouço o Senador Gastão Müller.

*O Sr. Gastão Müller* — Senador Luiz Viana, não conheci pessoalmente o homenageado, somente de nome e pelos jornais quando ele atuava na Câmara dos Deputados. Mas, sou muito amigo de Vasco Neto, fomos colegas, Deputados Federais — se não me engano — durante doze anos, e além disso, de um outro irmão dele — que tem um nome que não lembra nem o homenageado nem o Deputado Vasco Neto — que é o José Azevedo, também engenheiro e que já serviu como Diretor do DNER no Mato Grosso; depois, no Governo Garcia Neto, como Diretor do DERMAT, e a quem Mato Grosso muito deve. José Azevedo é um apaixonado por Mato Grosso. De modo que, por esses fatores, da amizade com o Deputado Vasco Neto e com o Engenheiro José Azevedo, eu, em nome da Bancada de Mato Grosso, associo-me à Bancada baiana pela perda irreparável de Vasco Filho.

O SR. LUIZ VIANA — Eu agradeço a V. Ex<sup>a</sup> bem como aos demais colegas que me honraram com os seus apertes.

Evidente, Sr. Presidente, o que acabamos de ouvir dos ilustres Senadores que também se associam ao nosso pesar pelo desaparecimento do ex-Deputado Vasco Filho, homem realmente cheio de serviços ao Brasil e ao Congresso Nacional — acrescento — porque, por ocasião da mudança da Capital, Vasco Filho trabalhou para que melhorassem as condições de funcionamento do Congresso Nacional, uma vez que, como bem sabemos, o forte dos construtores de Brasília não era a funcionalidade dos seus edifícios, que embora muito decorativos deixavam bastante a desejar quanto à maneira por que trabalhavam e trabalham os órgãos neles instalados.

Como eu dizia, Sr. Presidente, sentimos profundamente o desaparecimento do grande engenheiro que muito colaborou para a vida, para o desenvolvimento e para a economia do Estado da Bahia.

*O Sr. Jorge Kalume* — Permite V. Ex<sup>a</sup> um aparte?

O SR. LUIZ VIANA — Ouço, com muito prazer, o nobre Senador Jorge Kalume.

*O Sr. Jorge Kalume* — Desejo associar-me à justa homenagem que V. Ex<sup>a</sup> está prestando ao inolvidável Vasco Filho. Eu o conheci na Câmara dos Deputados, em 1963, quando também exerceu o mandato de Deputado Federal. Senti em Vasco Filho um homem dedicado à Pátria e a sua Bahia, que representava naquela época, e tinha um grande desempenho, quando se tratava de assunto rodoviário. Quero, com isto, corroborar o que V. Ex<sup>a</sup> disse no início do seu pronunciamento. Muito obrigado.

O SR. LUIZ VIANA — Muito grato a V. Ex<sup>a</sup>

Acho, Sr. Presidente, que tenho como justificado, não somente nas minhas modestas palavras mas, sobretudo, pelos apertes que me honraram, o requerimento que fiz e estou certo que será votado e aprovado por esta Casa, que exprime o pesar da Bahia e do Brasil pelo falecimento do ilustre engenheiro. Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>

O SR. PRESIDENTE (Gilvan Rocha) — Em votação o requerimento.

Os Srs. Senadores que aprovam, permaneçam sentados. (Pausa.)  
Aprovado.

O SR. PRESIDENTE (Gilvan Rocha) — Concedo a palavra ao nobre Senador Evandro Carneira, que falará como Líder do Partido dos Trabalhadores.

**O SR. EVANDRO CARREIRA PRONUNCIA DISCURSO QUE ENTREGUE À REVISÃO DO ORADOR, SERÁ PUBLICADO POSTERIORMENTE.**

O SR. PRESIDENTE (Gilvan Rocha) — Em virtude de numerosos oradores inscritos para o período de breves comunicações, consulto o Plenário, na forma de votação, a conveniência de prorrogar o período do Expediente por mais quinze minutos.

Os Srs. Senadores que o aprovam queiram permanecer sentados. (Pausa.)  
Aprovada a prorrogação.

Concedo a palavra ao nobre Senador Nelson Carneiro.

O SR. NELSON CARNEIRO (Para uma comunicação. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, Srs. Senadores:

Quero, inicialmente, declarar à Casa que as minhas divergências com o processo de incorporação, desde o primeiro momento manifestadas na tribuna, não importam em nenhuma adesão às hostes do Governo. Continuo fiel à linha que me tracei, e já agora com a independência de votar livremente a favor ou contra as proposições que aqui forem apresentadas. Não tenho, portanto, nenhum liame que me ligue ao Governo.

Esta declaração era necessária, porque ainda ontem apresentei um requerimento de constituição de uma Comissão Especial, composta de cinco membros, para investigar em profundidade as causas e os responsáveis pela crise da Previdência Social.

Sr. Presidente, queria, neste momento, ressaltar a perfeição do discurso ontem pronunciado pelo nobre Senador Paulo Brossard ao examinar a posição do Senado Federal, quando submeteu à sua apreciação, em votação secreta, candidatos enviados pelo Poder Executivo. Teve S. Ex<sup>a</sup> o cuidado de não concluir afirmando o seu voto num ou outro sentido. Cada um de nós votou de acordo com a sua consciência. Por isso mesmo, quando vejo hoje nos jornais o meu nome como tendo votado num sentido, eu pergunto: que adivinho foi esse que descobriu nos escaninhos da Casa o meu voto nesse ou naquele sentido?

Quero dizer, Sr. Presidente, que eu votei de acordo com a minha consciência. Não declaro o meu voto, em respeito à Constituição e ao Regimento da Casa. E esse dever ser e tem sido o procedimento de todos nós.

Esta é a declaração que eu queria fazer nesta oportunidade, com os meus agradecimentos pela gentileza de V. Ex<sup>a</sup> em me conceder a palavra. (Muito bem!)

O SR. PRESIDENTE (Gilvan Rocha) — Concedo a palavra, para uma breve comunicação, ao nobre Senador Jorge Kalume.

O SR. JORGE KALUME (Para uma comunicação. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, Srs. Senadores:

Exultei de satisfação ao ouvir o pronunciamento do Senhor Presidente da República, declarando guerra à escalada da pornografia, o que me motivou a passar-lhe uma mensagem vazada nos seguintes termos:

Nome: Excelentíssimo Senhor Presidente João Figueiredo.

End: Palácio do Planalto

Cidade: Brasília — Est. DF

Em 17-3-1982

NR 261/82 de 17-3-82 — Honra-me congratular-me com Vossa

Excelência pelo pronunciamento seu terceiro aniversário Governo e de maneira especial, corajosa e patriótica posição em favor de uma cruzada contra a obscenidade e a pornografia. Conduta Vossa Excelência mereceu aplausos todos patrióticos conscientes da perigosa influência e solapamento tradições nossos costumes que sempre foram marcados pelo civismo e pelos "dogmas morais e espirituais". Sentindo perigosa infiltração encaminhei Projeto Senado em 1980 obrigando cinemas e TV a projetarem cada cinco filmes e novelas um sobre História do Brasil ou figuras nacionais fizeram História. CDS, SDS, Senador Jorge Kalume.

Sr. Presidente, a par da leitura desta minha mensagem, gostaria também que fosse inserido o discurso do Senhor Presidente João Figueiredo, para que essa peça igualmente se immortalize nos Anais desta Casa.

Era o que eu tinha a dizer, Sr. Presidente. (Muito bem!)

**DOCUMENTO A QUE SE REFERE O SR. JORGE KALUME EM SEU DISCURSO:**

Mais de mil dias decorreram desde a minha investidura, em 1979, na Presidência da República. Conheço o mundo, nesse período, mormente na área econômica e social, acontecimentos de suma gravidade. Pela sua repercussão planetária, esses sucessos, que abalaram a estrutura da economia internacional, tornaram a minha tarefa, normalmente complexa, ainda mais árdua, absorvente, inquietante. Vivemos hoje sob o signo do econômico, sob uma espécie de religião do crescimento, sob a ansiedade da afluência. Sem negar o papel da produtividade no universo social e político, é bom que se atente, contudo, igualmente, para outros fenômenos, de capital influência no jogo das relações humanas. Ao completar o terceiro ano do meu mandato, reparo, por exemplo, que, nesse período, vieram juntar-se a nós quase nove milhões de brasileiros. Até o fim do meu período governamental, isto é, dentro de três anos, possuiremos, aproximadamente, mais nove e meio milhões de habitantes. Logo, durante os meus seis anos de governo, o nosso crescimento